A MÍDIA COMO FERRAMENTA EDUCATIVA E DE CIDADANIA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (E-JA)

Angélica Andrade Mothé
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
angelicamothe@gmail.com

Carla Cardoso Silva
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
carlacardos@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
chmsouza@gmail.com

Daniella Costantini das Chagas Ribeiro
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
dany.costantini@gmail.com

João Candido Ventura Neto
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ
joaosucubu@gmail.com

RESUMO

A acessibilidade e democracia nas informações oferecidas e disponíveis na Internet são fatores que motivam a crescente e atraente participação efetiva nas Redes Sociais e o aproveitamento das potencialidades midiáticas da web. No processo ensino-aprendizagem, a utilização dessa ferramenta torna-se importante para o estreitamento do relacionamento entre docente e discente e também o aproveitamento na aquisição e assimilação de conteúdo. Mas como essa ferramenta é assimilada por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso proposto mediante o desenvolvimento de um projeto pedagógico interdisciplinar, desenvolvido com alunos do 5º e 6º ano de escolaridade da EJA da Escola Municipal Professora Wilmar Cava Barros, em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. No projeto foram usados jornais impressos e online como ferramentas para despertar o interesse pela leitura, escrita, conhecimentos gerais, formação da cidadania e pelo crescimento cultural, social e profissional do aluno. Foi possível, durante a análise, observar a experiência de adultos em processo de alfabetização frente às novas tecnologias e as dificuldades dos chamados imigrantes digitais (SMALL, 2008), perfil destes estudantes, com idades variáveis entre 15 a 65 anos. Foi possível identificar, ainda, que o projeto contribuiu para a familiarização dos alunos com a própria tecnologia usada, algo antes inédito em sua rotina.

Palavras-Chave: EJA, imigrantes digitais, jornais.

INTRODUÇÃO

Informação e conteúdo são obtidos a qualquer momento, em qualquer parte do mundo e por qualquer pessoa, com a utilização da Internet em grande escala. Este fato caracteriza o ritmo acelerado em que se vive na sociedade atual, onde é necessário se manter informado e acompanhar as atualizações constantes, não só as tecnológicas, mas as que ocorrem em diversos setores da sociedade, acarretando uma busca pela informação cada vez mais instantânea. E para dinamizar, também, o processo ensino-aprendizagem, este fator deve ser utilizado a favor do educador e educandos, em sala de aula.

Com base na visão de Paulo Freire, o objetivo da educação é possibilitar um desenvolvimento amplo e dinâmico ao aluno, desde o período sensório-motor. A escola deve, portanto, partir dos processos de assimilação do discente, com atividades desafiadoras que provoquem questionamentos e promovam a descoberta e a construção do conhecimento.

Para construir esse conhecimento, Freire sugere uma pedagogia progressiva e emancipadora que deve deixar espaço para que o aluno construa seu próprio conhecimento, sem se preocupar em repassar conceitos prontos, algo que geralmente ocorre no método de ensino tradicional, tornando o aluno um ser passivo, onde são depositados os conhecimentos. No entanto, as concepções do discente combinam-se às informações advindas do meio, como resultado de uma interação, na qual o sujeito é sempre um elemento ativo, ao procurar, ativamente, compreender o mundo que o cerca, e buscar resolver as interrogações que esse mundo provoca.

Em tempos onde a Internet deixa de ser apenas uma ferramenta para ser extensão do homem, como profetizou McLuhan, na década de 60, em seu *Os Meios de Comunicação como Extensões do homem*, esta tecnologia deve ser bem utilizada e aproveitada como um aporte para o ensino escolar de forma interdisciplinar.

Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar a são exigidos, portanto, nesta sociedade da informação. Desta forma, pensar na realidade atual da educação implica analisar o contexto dessas novas configurações sociais e desse novo patamar tecnológico. Souza e Gomes (2009) afirmam que:

> A questão das novas tecnologias e conceitos como saber flexível, aprendizagem cooperativa, interdisciplinaridade, transdisciplinariedade, currículo integrado, redes de aprendizagem e educação continuada e à distância começam a se fazer cada vez mais presentes nos ambientes acadêmicos e políticos, sobretudo quando está em pauta a

> discussão sobre a necessidade de renovação dos processos educacionais, (SOUZA E GOMES, 2009, p.36).

Torna-se necessária, ainda segundo os autores, a criação de

> (...) um novo estilo de pedagogia que incorpore as novas tecnologias e favoreça, ao mesmo tempo, os aprendizados individualizados e o aprendizado coletivo, em rede. (...) As novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC's) e o ciberespaço apenas as viabilizam e potencializam se utilizadas adequadamente em um contexto pedagógico, (SOUZA E GOMES, 2009, p.37).

Kenski (1998), também aponta essa questão ao explicar que

> (...) o estilo digital engendra, obrigatoriamente, não apenas o uso de novos equipamentos para a produção e apreensão de conhecimentos, mas também, novos comportamentos de aprendizagem, novas racionalidades, novos estímulos perceptivos(...). Seu rápido alastramento e multiplicação, em produtos e em novas áreas, o-briga-nos a não mais ignorar sua presença e importância, (KENSKI, 1998, p.61).

É notório, portanto, que estas novas tecnologias têm oportunizado ferramentas mais dinâmicas para facilitar o processo Ensino/Aprendizagem. A utilização de Internet, por meio de instrumentos como jornais on-line e sites variados podem dinamizar o ensino, embora não possuam linguagens específicas para este fim. No entanto, o presente artigo, que partiu de um estudo de campo, visa contribuir para as discussões sobre o papel do professor como mediador, utilizando as novas tecnologias de forma mais participativa, trabalhando com projetos colaborativos e equilibrando o presencial e o virtual e suas possibilidades.

NOVAS TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO

Na contemporaneidade, educação e comunicação já são vistos como sequências de um processo cada vez mais inter-relacionado e são necessários para fazer do ensino um exercício de democracia. As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's) ganham destaque, por esta vez, no âmbito educacional contemporâneo. Segundo aponta o professor Adilson Citelli (2000),

> (...) O mundo dos media passou a dialogar de maneira mais ou menos integrada às aulas e às práticas escolares; numa tensão e, níveis e graus derivados dos vários centros de pressão que disputam o mercado da troca de informações, de conhecimentos e, eventualmente, de saberes, (CITELLI, 2000, p.18).

Desta forma, Citelli mostra que professores e alunos precisam conhecer novas linguagens, tecnologias e suas funções no conhecimento, apresentando as NTIC´s como uma estratégia educacional, apontando para o docente, que este deve reconhecer e valorizar aquela como uma nova maneira de elaborar, circular, receber a informação, o conhecimento.

Este conceito também é apontado por Lúcia Santaella (2004) ao afirmar que

> (...) a tecnologia computacional está fazendo a mediação das nossas relações sociais, de nossa auto-identidade e do nosso sentido mais amplo de vida social. O telefone celular, o fax portátil, o computador *notepad* e várias outras formas eletrônicas de extensão humana se tornaram essenciais à vida social e se constituem nas condições para a criação da cibercultura (...). (SANTAELLA, 2004, p.105).

Manuel Castells também contribui para o pensamento ao registrar, anteriormente à Santaella, que

> As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (...) As mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação econômica e tecnológica. (CASTELLS, 1999, p.40).

É interessante observar que a maioria dos avanços tecnológicos que fazem parte do processo da evolução da comunicação conduz, em grande parte dos casos, à maior democratização do saber e da informação. Ressalta-se, desta forma, que o diálogo *media*-escola auxilia na abertura do discurso pedagógico e também na inserção crítica do aluno por meio de atividades como reflexão sobre slogans publicitários, programas de rádios, discursos formadores de opinião, noticiários de TV, entre outros exemplos, que devem estimular o mundo escolar.

Segundo Souza (2003), o maior benefício proporcionado pelo instrumento tecnológico é a transformação social, no que tange à troca de conhecimento entre as pessoas através da reciprocidade, conceitos também abordados por Philippe Perrenoud (2000), sobre as competências fundamentais em uma cultura tecnológica, sobretudo na utilização de tecnologias. O autor defende que uma cultura tecnológica de base também é necessária para pensar as relações entre a evolução dos instrumentos tecnológicos, as competências intelectuais e a relação com o saber que a instituição pretende formar. Contudo, deve-se pensar em uma pedagogia e uma didática consciente das transformações, que nos submeta às novas tecnologias, tendo na metodologia pedagógica a análise da evolução dos recursos e dos modos de acesso ao saber produtivo, na luta contra o fracasso e a exclusão social.

Assim sendo, as tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagens produtivas, complexas, em que a informação e a dimensão interativas são assumidas pelos atores. Trata-se de uma mudança de paradigma, uma vez que se defende a idéia de os docentes se concentrarem na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagens.

No processo ensino-aprendizagem, a utilização dessa ferramenta torna-se importante para o estreitamento do relacionamento entre docente e discente e também o

aproveitamento na aquisição e assimilação do conteúdo, base onde se consolida a sociedade.

> A disseminação dos meios de comunicação de massa é um dado que a escola não pode ignorar, porque eles têm um peso importante nas vidas das crianças e à escola cumpre levar em conta esse dado e a procurar responder a essas necessidades de diferentes maneiras, seja em termos de se adequar a essa nova situação, seja em termos de incorporar alguns desses instrumentos ao seu próprio processo de trabalho. (CITELLI, 2000, p.19).

A escola não deve ignorar, também, a disseminação dos meios de comunicação no processo de ensino dos jovens e adultos. Como se dá essa prática é o que será analisado a seguir.

A COMUNICAÇÃO EM UMA NOVA DINÂMICA CULTURAL

A noção da comunicação recobre uma multiplicidade de sentidos. Essa teoria, colocada por Armand e Michèle Mattelart (1999, p. 9), revela a abrangência trazida por este conceito, que, mediante a proliferação das tecnologias, acrescentou novas vozes a essa polifonia.

A comunicação, como um campo de conhecimento acadêmico, estuda os processos de comunicação humana e o intercâmbio de informação entre os indivíduos e, em meio à presença das tecnologias, tem sido potencializada em todos os seus processos. Tais mudanças transcorrem na sociedade contemporânea, onde a cultura é altamente dinâmica, e onde é possível observar em meio a tantas transformações trazidas com a apreensão das novas tecnologias – principalmente no universo da informação – o nascimento de uma nova cultura: a cibercultura. Inicialmente pode-se afirmar que a cibercultura abrange o que acontece no ciberespaço e às formas de comunicação mediadas pelo computador. Sua emergência provoca profundas mudanças no que diz respeito também ao humano, transformando a natureza das relações dos homens com a tecnologia e entre si. Tal fato também se deve, não apenas à criação e desenvolvimento dos adventos tecnológicos em si, mas também à comunicação, que é capaz de construir pontes entre as ciências, mediar relações e evoluir prontamente em seus processos.

Mediante tais acontecimentos, é importante ressaltar que esse cenário do ciberespaço, da cibercultura e da comunicação, é propício ao estímulo da produção humana. Para Lúcia Santaella (2003, p. 82) cada indivíduo pode tornar-se um produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos. Além disso, a autora ainda afirma que

> A natureza dessa cultura é essencialmente heterogênea. Usuários acessam o sistema de todas as partes do mundo, e, dentro dos limites da compatibilidade lingüística, interagem com pessoas de culturas sobre as quais, para muitos, não haverá provavelmente um outro meio direto de conhecimento. Por isso mesmo é também uma cultura descentralizada, reticulada, baseada em módulos autônomos. (SANTAELLA, 2003, p. 103 e 104).

Já o autor Wilson Dizard Jr. (2000) colabora com as idéias aqui apresentadas ao utilizar-se do discurso dos analistas econômicos John Browning e Spencer Reiss para afirmar que

> A mídia velha divide o mundo entre produtores e consumidores: nós somos autores ou leitores, emissoras ou telespectadores, animadores ou audiência; como se diz tecnicamente, essa é a comunicação um-todos. A nova mídia, pelo contrário, dá a todos a oportunidade de falar, assim como de escutar. Muitos falam com muitos, e muitos respondem de volta. (DIZARD, 2000, p. 23).

Ou seja, um novo canal de comunicação foi aberto nesta era midiática, onde é possível realizar intercâmbios de conhecimento e produção, de modo que essa dinâmica auxilie na autonomia dos atores envolvidos nesta interação. Aquela pode ser usada para fins positivos – principalmente nas instituições de ensino onde o foco é justamente a informação e o conhecimento.

No ambiente de rede e na cultura nele presente também é possível identificar a difusão do que Pierre Lévy (1999) cunhou como "inteligência coletiva", que consiste na união de conhecimentos em geral de cada indivíduo. Neste pano de fundo, não há a submissão a quaisquer tipos de restrições, pois a rede de computadores é um universo sem totalidade; logo, há um mundo inteiro a ser explorado e descoberto. Cada "explorador" é um ator que participa desse processo ativamente, influenciando e sendo influenciado, descobrindo e sendo descoberto e essas características trazem um novo rumo ao modo de vida social e aos indivíduos. Um rumo dinâmico, repleto de uma diversidade de elementos a serem descobertos e todos podem ser possíveis descobridores. A própria comunicação ganha uma nova dimensão, uma dimensão "em rede", que permite que pontes ainda mais extensas sejam construídas, seja entre pessoas ou entre pessoas e o objeto.

Conforme aponta Dowbor (2001), as transformações sociais contemporâneas vão além de das mudanças tecnológicas de comunicação e informação. Jorge Werthein (2004) também reforça esta idéia afirmando que

> As novas tecnologias hoje ocupam um lugar essencial em nossas vidas. Constituem a estrutura de nosso sistema de comunicação, seja local, nacional, internacional ou global. E elas são responsáveis por profundas transformações no relacionamento que temos em todas as áreas de nossa vida: no trabalho, em casa, na escola e no lazer.

E na medida em que a educação não é uma área em si, mas um processo permanente de construção de pontes entre o mundo da escola e o universo que nos cerca,

é necessário incluir estas transformações, e um novo processo de comunicação precisa ser desenvolvido de modo que essas mudanças sejam melhores entendidas e apreendidas e, assim, sejam estabelecidas relações positivas com o novo. Não é apenas a técnica de ensino que muda, incorporando uma nova tecnologia. É a própria concepção do ensino que tem de repensar os seus caminhos. Como aponta Werthein (2004) não basta ter informação: o importante é ter a informação e transformá-la em conhecimento capaz de gerar mudanças e melhorar a vida das pessoas.

Portanto, canalizar as potencialidades dessa nova era mediática para o ensino nas salas de aula com os discentes que precisam adaptar-se a esse novo mundo, como os alunos da EJA, é uma opção para aperfeiçoar o ensino e o trabalho para com este público.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Estima-se que há mais de 31 milhões de pessoas maiores de 14 anos que não completaram os quatro anos de escolaridade. Pequena parcela desse contingente constitui o público potencial dos programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os alunos deste sistema são aqueles que na maioria das vezes não conseguiram concluir seus estudos na idade estabelecida como a adequada, os primeiros anos de vida da criança, para a alfabetização e ensino fundamental. E também por aqueles que, por terem comportamentos diferenciados dos demais (repetência, rebeldia) acabam sendo transferidos para este sistema como solução do problema. As aulas, geralmente, são ministradas à noite, pois o horário diurno é dedicado à vida profissional e afazeres domésticos dos alunos.

Segundo explica Moura (1999), esses sujeitos que buscam a escola, tardiamente, para se alfabetizar, apresentam inúmeras características que os diferencia das crianças:

> Ultrapassam a idade de escolarização formal estabelecida pelas legislações educacionais; estão inseridos no sistema produtivo (ou temporariamente fora dele), são os responsáveis pela produção dos bens materiais, mas são excluídos da participação desses bens. Representam, hoje, em algumas regiões do Brasil, da América Latina, e de todos os países que compõe o considerado terceiro mundo, quase metade da população. E são um contingente tendencialmente crescente, a prevalecerem as atuais políticas e práticas educativas, produtoras de fracasso e exclusão escolar (MOURA, 1999, pp.116-117).

Nos últimos dez anos, a educação vem se estruturando para tentar consolidar a democracia em nosso país e este sistema de ensino é uma das alternativas encontradas e propostas pelo Ministério da Educação (MEC). Segundo Ribeiro (1996):

> O ideal da democracia sempre contemplou o ideal de uma educação escolar básica universalizada. Através dela se pretende consolidar a identidade de uma nação e criar a possibilidade para que todos participem com cidadãos na definição de seus destinos. Para participar politicamente de uma sociedade complexa como a nossa, uma pessoa precisa ter acesso a um conjunto de informações e pensar uma série de problemas que extrapolam suas vivências imediatas e exigem o domínio de instrumentos da cultura letrada. Um regime político democrático exige ainda que as pessoas assumam valores e atitudes democráticas: a consciência de direitos e deveres, a disposição para a participação, para o debate de idéias e reconhecimento de posições diferente das suas. (RIBEIRO, 1996, p.16).

Com a convivência diária com os alunos da EJA, percebe-se que há muitos e diferenciados motivos que os trazem de volta à escola. Alguns buscam o aprendizado para inserção no mercado de trabalho, outros querem apenas realizar o sonho de aprender a ler e escrever, de "se sentir gente", de estar incluído em uma sociedade. Já outros querem ter mais clareza do mundo que está em constante transformação à sua volta, e apenas querem se comunicar, querem ser ouvidos, ter amigos. Mas é possível identificar, também, uma grande parcela de adolescentes, que em sua grande maioria não tiveram uma experiência positiva com a escola. Nesta classe "multi-etária", cabe ao educador reconstruir este vínculo e estar atento à realidade destes alunos.

> O mundo dos *media* passou a dialogar de maneira mais ou menos integrada às aulas e às práticas escolares; numa tensão e, níveis e graus derivados dos vários centros de pressão que disputam o mercado da troca de informações, de conhecimentos e, eventualmente, de saberes. (CITELLI, 2000, p.18).

Os conteúdos a serem aplicados aos discentes da EJA são reunidos em apostilas especialmente para esse processo, sendo esses os principais materiais usados para o ensino. Outras ferramentas devem ser sugeridas pelos professores para que haja maior interesse e aproveitamento do ensino.

IMIGRANTES E NATIVOS DIGITAIS EM SALA DE AULA

Já foi visto anteriormente que as novas tecnologias devem ser utilizadas para a dinamização do ensino e trazer resultados positivos ao processo, oportunizando ainda, a cidadania em meio aos discentes. Mas como esse processo de socialização escolar, com a utilização das NTIC's, se manifesta entre os alunos da EJA, especificados anteriormente? Vale ressaltar que, nesta classe multi-seriada encontram-se pessoas que se enquadram nos perfis de Nativos e Imigrantes Digitais, apontados por Prensky (2001) e Gary Small e Gigi Vorgan (2008).

Segundo os pesquisadores, Nativos Digitais são os sujeitos que nasceram depois dos anos 1980, em meio às chamadas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC´s); as que estão perfeitamente à vontade com toda tecnologia oferecida, desde um simples MP4 até qualquer outro instrumento digital de maior proporção. Já os Imigrantes Digitais são as pessoas que nasceram antes da popularização dos computadores, da Internet, fora do mundo digital, mas que, antes, se vêem introduzidos nele; que conheceram computadores e outras tecnologias da Era Digital, já adultos.

Segundo explica Marc Prensky (2001),

> (...) imagine uma pessoa que nasce num país onde passa a maior parte da sua vida, até migrar para outro país, outra cultura, língua e costumes. Essa pessoa, imigrante, não passa a ser nativo do país em questão, seja pelo sotaque ou outra característica cultural. Entretanto, para os nativos do país, a língua, a cultura, as pessoas são naturais. (PRENSKY, 2001).

Marc Prensky (2001) na publicação *Digital natives, digital immigrants* registra que os alunos de hoje em dia são diferentes dos das gerações passadas, devido ao ambiente onipresente e o grande volume de interação com a tecnologia. O autor destaca que o Imigrante Digital se adapta ao ambiente em que está inserido e como seus cérebros recebem as informações.

> É importante fazer esta distinção: como os Imigrantes Digitais aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptarem-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu "sotaque", que é, seu pé no passado. O "sotaque do imigrante digital" pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de uma manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. Atualmente, os mais velhos foram "socializados" de forma diferente das suas crianças, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem. (PRENSKY, 2001).

Essas diferenças entre os Nativos e os Imigrantes Digitais são colocadas em questão por Small (2008) ao afirmar que:

> Os típicos imigrantes digitais, pessoas com mais de 30 anos, foram treinados de maneira muito diferente no que se refere à socialização e à aprendizagem. Fazem as tarefas passo a passo – e sempre uma por vez. Eles aprendem metodicamente e executam os trabalhos de forma mais precisa. Com habilidades mais acuradas para o contato social, são mais vagarosos na adaptação e no uso das novas tecnologias. Os nativos digitais são melhores ao tomar decisões rápidas e ao agrupar o grande volume de estímulos sensoriais do ambiente.

A observação de Small foi observada durante a aplicação do projeto pedagógico que visa à aplicação das linguagens das ferramentas anteriormente citadas, estas trabalhadas em sala de aula, com alunos do 5º e 6º ano de escolaridade da EJA da Escola Municipal Professora Wilmar Cava Barros, em Campos dos Goytacazes (RJ). Estes alunos são de idades variáveis, entre 15 e 65 anos, em processo de alfabetização, e demonstram durante as atividades, as dificuldades dos imigrantes digitais a adaptarem-se às tecnologias.

O JORNAL NA SALA DE AULA

A mídia jornal, seja em sua versão impressa, ou online, é uma ferramenta eficaz no registro dos acontecimentos do presente, do cotidiano de determinadas épocas e torna-se um objeto de pesquisa de valor. Ao ser utilizado como ferramenta na pesquisa ou no ensino escolar, torna-se vivo e repleto de histórias do dia-a-dia, que retratam uma determinada realidade, sob diferentes pontos de vista, conforme a política editorial e ética de cada empresa jornalística.

Em sala de aula, a ferramenta se revela muito útil na aplicabilidade de diversas disciplinas. Partindo desse pressuposto, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) incentiva a implantação no país do projeto Jornal na Educação, a inspiração para que os autores deste trabalho realizassem o estudo de caso. O projeto Jornal na Educação foi criado há quase 30 anos com a função de, não só criar futuros leitores, mas propor uma nova forma de pensar e agir através da leitura e manuseio do jornal na escola.

Conforme apontam as informações contidas no site http://verdesmares.globo.com/saladeaula/oprojeto.asp (acessado em 26.08.2010), no Brasil, o hábito desta leitura periódica se forma na seguinte estrutura:

> A familiaridade com a imprensa (desde a infância a partir da experiência doméstica com adultos que já o possuem), a necessidade de informação diversificada e de atualidade em virtude do vestibular e em função da atividade profissional. A essas circunstâncias soma–se uma quarta, que tende a ser extremamente rentável, que é o uso do jornal em apoio às atividades escolares.

E foi com base nessas constatações que a ANJ – e empresas jornalísticas a ela vinculadas – passaram a investir nesses programas. O site www.anj.org.br (acessado em 26.08.2010) constata que, dos 137 jornais associados à entidade, 63 desenvolvem programas de Jornal e Educação, variados e com diferentes complexidades, em 19 estados brasileiros e o Distrito Federal, sendo que as Regiões Sudeste e Sul possuem o maior número de iniciativas.

A preocupação maior seria aproximar as notícias e as empresas à comunidade escolar. O site identifica também que, com ou sem projeto de Jornal e Educação instituído, é comum a publicação de suplementos infantis e/ou juvenis (até mesmo com conselho editorial formado por adolescentes e jovens), a doação de exemplares a escolas, o recebimento de alunos em visita às empresas, a realização de concursos, a publicação de cadernos dedicados a assuntos específicos de educação, vestibular, e mesmo a realização de palestras em instituições de ensino e na busca de parcerias com universidades locais.

A aplicação do projeto na EJA tem como objetivo, também, além da leitura e da crítica, aproximar os alunos do computador e Internet, utilizando os jornais online com o objetivo de apresentar o jornal (impresso ou online) como um instrumento pedagógico prático e motivador no processo ensino-aprendizagem. Conforme cita a educadora Amélia Hamze no Canal do Educador (no site www.educador.brasilescola.com/trabalho-docente/jornal-sala-aula.htm, acessado em 26.08.2010):

> O estudo e a leitura do jornal dentro de um contexto pedagógico do conteúdo, em alguns casos, é muito mais bem sucedido do que o simples uso do livro didático. Esse instrumento pedagógico forma um conjunto de cidadãos mais informados e participantes. A ferramenta pedagógica, que se utiliza com o uso do jornal em sala de aula, prioriza o desenvolvimento acadêmico pela informação e tem como objetivo originar uma leitura mais crítica, assim como, esclarecer ao aluno a realidade dos problemas sociais, propiciar o desenvolvimento do raciocínio, aumentar a capacidade de questionamentos e abranger o conteúdo cultural.

No mesmo texto, Amélia Hanze observa ainda que a leitura costumeira desses periódicos em sala de aula como um espaço de divulgação de idéias, de opinião e interesses "tem contorno multidisciplinar e interdisciplinar" e é um auxílio aos alunos, enriquecidos em sua capacidade de entendimento,

> (...) principalmente ao acréscimo e ampliação do vocabulário e compreensão de textos, melhora a qualidade das intervenções verbais, alarga as informações do educando sobre o mundo e também sobre a comunidade onde vive. O jornal espelha o jogo de interesses da sociedade e o estudante pode compreender em que sociedade está vivendo e convivendo.

Refletindo os valores de uma sociedade, discursando em seus variados temas, o jornal tem um importante papel interdisciplinar como ferramenta no ensino. A utilização dos periódicos nas aulas atende a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois as matérias veiculadas servem de base para o desenvolvimento dos temas transversais que dão origem às notícias. Hamze aponta ainda que, ensina-se através do jornal, "a leitura, a interpretação dos assuntos tratados sob um prisma reflexivo e crítico, propiciando aos alunos a oportunidade de se inserir no mundo através de uma janela de papel".

UMA OBSERVAÇÃO NA EJA

Segundo registra o pesquisador Pierre Lévy (1999), é importante e necessário colocar as pessoas em situação de curiosidade frentes às Novas Tecnologias, em uma possibilidade de exploração do novo. Essas diferenças

> Não individualmente, não sozinhas, mas juntas, em grupo. Para que tentem se conhecer e conhecer o mundo a sua volta. E, uma vez compreendido esse princípio de

> base, todos os meios servem. Os meios audiovisuais, interativos, os mundos virtuais, os grupos de discussão, tudo o que quisermos. (LÉVY, 1999).

Tomando como base a afirmação de Lévy, uma das autoras do trabalho, Angélica Andrade Mothé, professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Professora Wilmar Cava Barros, em Campos dos Goytacazes (RJ), ministrando aulas no 5º e 6º ano de escolaridade na EJA no turno da noite, aplicou o projeto interdisciplinar Jornal na Educação em sala de aula. A motivação foi a percepção por uma falta de estímulo dos alunos em aprender, já que estes chegavam cansados e a prática de copiar do quadro, ou acompanhar o material específico para o ensino no EJA, os deixavam ainda mais desestimulados.

Com o apoio do grupo de pesquisa Ciber Redes, do Mestrado em Cognição e Linguagem da UENF, a professora se reuniu com coordenadores pedagógicos da escola para apresentação do projeto que já funciona, no ensino fundamental, em outras escolas da cidade, com o objetivo de trabalhar os conteúdos das disciplinas ministradas em sala de aula dentro de um contexto escolhido pelos alunos e retirado do jornal. Com o grupo de pesquisa, a professora acrescentou ao projeto, o trabalho com jornais online e outras potencialidades oferecidas pela internet.

Para fazer a proposta do trabalho na escola, o grupo levou em consideração o sistema interdisciplinar de ensino, uma relação de reciprocidade, de mutualidade, de interação, onde é possível um diálogo maior entre diversas disciplinas. Ou como caracteriza Ivani Fazenda (2008), uma intensidade das trocas entre especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa. Também, segundo a autora, por meio da interdisciplinaridade, é possível favorecer ações que se traduzam na intenção educativa de ampliar a capacidade do aluno expressar-se através de múltiplas linguagens e novas tecnologias, posicionar-se diante da informação e interagir, de forma crítica e ativa, com o meio físico e social.

Durante um mês, aproximadamente, o projeto foi aplicado da seguinte forma: os professores preparavam, num contexto interdisciplinar, a parte teórica do conteúdo a ser aplicado com os alunos, mas a parte prática era trabalhada com o jornal. A princípio, foi trabalhada a utilização do jornal impresso. No início, os alunos tiveram dificuldades em se adaptar com esta leitura, pois não mantinham o hábito de ler e nem mesmo manusear o jornal. No entanto, o grupo notou que a adaptação foi rápida e as aulas foram se tornando mais interessantes. Durante o manuseio de exemplares locais e nacionais, os alunos trocavam idéias, partilhavam textos e assuntos diferenciados, observando, em meio às matérias da mídia impressa, a realidade local de cada um. Desta

forma, foram perdendo o medo da pesquisa, já que, inicialmente, tinham muita dificuldade. Foi registrado ainda, que o crescimento cultural da turma foi muito grande, devido a essa ligação do contexto social de cada um com os relatos jornalísticos fazendo com que os discentes interpretassem os textos, uma das maiores dificuldades na prática de letramento.

Em uma segunda parte, o projeto foi aplicado no laboratório de informática da escola, que vem sendo utilizado como ferramenta para enriquecimento das aulas. Após o domínio do jornal impresso, os alunos foram levados para o laboratório onde puderam acessar diversos jornais online e receberem informações em tempo real. O grupo registrou que, além do educador da disciplina que acompanha a turma no momento, um monitor de informática também estava no local, oferecendo suporte aos discentes, já que alguns destes, a maioria de classe social baixa, não sabiam como utilizar computador. Foi possível, desta forma, perceber que havia alunos que nunca tiveram contato com essa tecnologia.

O grupo percebeu a reação dos alunos que ficaram ora emocionados, ora temerosos, ora ansiosos, o que transformou a experiência em uma situação marcante. Durante as aulas no laboratório, os alunos, divididos em trio em cada computador, tiveram a possibilidade de procurar notícias antigas, atuais e descobrir coisas novas para eles como: previsão do tempo, o que vai acontecer nas novelas, horóscopo da semana. Ao responderem as atividades propostas pelo educador, pôde-se observar que eles dominavam melhor o assunto, pois demonstravam que já tinham lido um número maior e variado de textos e discutido entre si, resultando em um maior rendimento da aula.

Quando a atividade proposta era produção de texto, os alunos demonstraram maior motivação por estarem diante do computador, do que era novo para eles. Foi notado ainda, que a correção ortográfica seria um facilitador para essa motivação, assim como os links eletrônicos para leitura que poderiam ser consultados para facilitar a escrita.

Segundo aponta Cardoso (2004), a sociedade atual é significativamente apoiada nos modernos recursos tecnológicos, observados no cotidiano pessoal e profissional dos indivíduos. De todas as tecnologias, o computador é apontado pelo autor como um dos mais presentes, pois nele se baseia a maioria dos recursos tecnológicos modernos.

Foi possível observar que o computador e a Internet na sala de aula foram recebidos de forma muito especial pelos alunos da EJA, possibilitando, desta forma, uma aprendizagem de forma rápida e natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado a fim de apontar um caminho para um melhor aproveitamento e rendimento em sala de aula para os alunos da EJA através do uso das novas tecnologias, que claramente favoreceram e aperfeiçoaram o aprendizado. Também é importante ressaltar que, embora a sociedade passe por significativas transformações, se forem pensadas estas mudanças e as implicações que podem ter os processos de ensino e aprendizagem perante esse cenário, é possível um confronto de dúvidas, mas também de certezas. Uma delas é que a aplicação destas novas tecnologias implica uma mudança expressiva, porém positiva das formas de ensinar e aprender.

Durante a observação de campo, foi possível registrar a experiência de adultos em processo de alfabetização frente às novas tecnologias e as dificuldades dos nativos e imigrantes digitais. Foi possível identificar, ainda, que o projeto contribuiu para a familiarização dos alunos com a própria tecnologia utilizada, algo antes inédito em suas rotinas.

Com a utilização do jornal impresso, do computador e da Internet em sala de aula, foi possível concordar com Ivani Fazenda (2008) quanto à importância da interdisciplinaridade para o ensino e ampliação da capacidade do aluno de expressar-se por meio das novas linguagens e tecnologias e interagir, crítica e ativamente com o meio e com o contexto social.

O uso do jornal como ferramenta no ensino cria uma nova forma de pensar e agir através da leitura e manuseio deste material, e esta prática traz resultados surpreendentemente positivos. Notou-se, claramente, que esses jovens e adultos tiveram um maior rendimento durante o mês de pesquisa. A idéia do grupo de pesquisa é propor a utilização deste trabalho interdisciplinar de forma efetiva nas aulas, já que, foi obtido um resultado positivo durante a aplicação. O assunto não se esgota neste trabalho e ainda pode se desdobrar em novos estudos e apontar novos caminhos para o ensino na Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

BRUNNER, José Joaquim. **Educação no encontro com as novas tecnologias**. In: TEDESCO, Juan Carlos (ORG.). Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza? São Paulo, Cortez. UNESCO, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Editora Senaco, 2000.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do Conhecimento: Os Desafios Da Educação**. Abril de 2001. Disponível em: <http://dowbor.org/tecnconhec.asp >. Acesso em 10 de jun de 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. Campinas/SP: Papirus, 2003 – (Série Prática Pedagógica).

_____. **Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docent**e. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/283484/RBDE08-07-VANI-MOREIRA-KENSKI>. Acesso em 10 de abril de 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Editora 34: São Paulo, 1999.

MARTINEZ, Jorge H. Gutiérrez. **Novas tecnologias e o desafio da educação**. In: TEDESCO, Juan Carlos (ORG.). Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?. São Paulo, Cortez. UNESCO, 2004.

MATTELART, Arnold e Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

MASSETTO, Marcos T. **Mediação Pedagógica e o uso da Tecnologia**. In: MORAN, José Manuel. Novas Tecnologias e mediação pedagógicas. Campinas, SP: Papirus, 2000. P. 133-172.

MCLUHAN, Marshal. **Os Meios de Comunicação como extensão do homem (Understanding Media)**. Editora Pensamento Cultrix Ltda., 8ª edição, 1996.

MORAN. José Manuel. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas**. In: Novas Tecnologias e Mediação Pedagógicas. Campinas, SP: Papirus, 2000. Coleção Papirus Educação.

_____. **Os Espaços de Atuação do Educador com as Tecnologias**. Publicado em 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/espacos.htm>. Acesso em:16 de jun de 2008.

PERRENOUD, Philippe e outros. **As competências para ensinar no século XXI**. Porto Alegre, RS: ArtMed, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de, Maria Lúcia Moreira Gomes. **Educação e Ciberespaço**. Brasília: Usina de Letras, 2009.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Comunicação, educação e novas tecnologias**. Campos dos Goytacazes, RJ: Editora FAFIC, 2003.

WERTHEIN, Jorge. **Novas Tecnologias e a Comunicação Democratizando a Informação**. Artigo publicado, em 03 de fevereiro de 2004, no Observatório da Sociedade da Informação, de responsabilidade do Setor de Comunicação e Informação da UNESCO no Brasil.